

Ninguém mora na União

JOSE SARNEY

Decisões tomadas sob pressões emocionais de circunstâncias são sempre precipitadas e nada resolvem. O problema grave das Polícias Militares está tendo um enfoque errado.

Que providências foram tomadas, depois que o Governo deparou-se, perplexo, com essa realidade?

1. O presidente da República reuniu, no Palácio das Laranjeiras, intelectuais, principalmente sociólogos e cientistas políticos, para refletir sobre e oferecer um diagnóstico do que está ocorrendo.

2. Criou-se uma Comissão de Crise — como se diz nos Estados Unidos e na Europa — no Ministério da Justiça, presidida pelo competente dr. Gregori, para coordenar providências e propostas.

3. Designou-se um braço operativo, o general Cardoso, que, sem dúvida, pelas suas declarações e ações, vem tendo bom desempenho, sendo uma voz de equilíbrio, conhecimento de causa e prudência. Ele sabe que as coisas não podem ser resolvidas com demagogia, superficialidade e sem profissionalismo.

4. O presidente da República declarou que não tem nada a ver com a crise que ocorreu nos estados.

Este é o quadro. Quais as providências? Modificar a estrutura organizacional dos estabelecimentos policiais, com enfoque para três medidas básicas: acabar com as Casas Militares; submeter as polícias hierarquicamente ao secretário de Segurança; e estabelecer uma proporção de vencimentos equânime entre oficiais e soldados.

A meu ver são conclusões vazias, que não descem às causas e se destinam, apenas, a dizer que não há imobilismo.

Outra medida, que não está nas conclusões, mas nas declarações gerais dos apressados, reacionários e simpatizantes, é colocar a responsabilidade sobre o atual desmonte da autoridade, da indisciplina generalizada e da falta de autoridade dos Executivos. Para conjurar essa situação só a "Lei de Chico de Brito", um delegado celeberrimo e celebrado do Nordeste, que ficou na imaginação e no folclore regional, com a sua lei inexorável: "Minha lei é o pau!"

Mas se essa solução resolvesse, seria fácil e todos os problemas estariam solucionados. O presidente tem a mesma sempre à mão.

Creio que as causas são muito mais sérias e não se restringem às polícias, alcançam também as Forças Armadas. Não há Estado moderno sem forças armadas capacitadas profissionalmente, treinadas e equipadas. Depois de certo tempo, constata-se o enfraquecimento dessas organizações e a perda de status. Nesse quadro, o vencimento é apenas uma parte, embora muito relevante. O homem é a chave de tudo. Ora, com a violência no mundo moderno e a diminuição da tensão internacional é necessário redimensionar o emprego desses organismos e pensar na segurança interna. As Forças Armadas e policiais estão sucateadas. O esforço feito pelas primeiras para manter a qualidade de suas unidades é fruto do seu alto preparo profissional, a formação das escolas preparatórias, os cursos de reciclagem e a alta consciência da missão institucional, patriótica e histórica da Marinha, do Exército e da Aeronáutica.

A violência aumenta à medida que o despreparo das polícias se acentua. Nossas polícias estão no tempo da pedra lascada, do cassetete e de métodos inaceitáveis.

Hoje, nada mais importante para um bom desempenho policial do que a informação. Como falar em um Brasil moderno, Estado eficiente e outras coisas tais, se os recursos da informática, dos equipamentos para controle de distúrbios e a falta de mínimas condições de dignidade pessoal, que vão do fardamento à equipagem, não existem e os soldados vivem como párias? Eles não têm formação e tudo que desejam é viver. Estão expostos a riscos e não se lhes ensina como fugir desses riscos.

O moral da tropa é baixo ou inexistente e nada se pode exigir de quem vive assim.

Primo vivere, ensinavam os romanos.

Outro capítulo é a informação. Polícia, como tudo hoje, é informação que possibilita aquilo que é essencial: a prevenção. Sem informação, equipes especializadas travam uma luta desigual com a violência.

Há uma crise de autoridade e disciplina, mas o que está ocorrendo é mais sério. É a crise da Federação, estados sem recursos, sujeitos a uma dieta de ingovernabilidade. Hoje os governadores governam com metade dos recursos que recebiam em 1990! Aumentou a violência e nada existe para detê-la. Os bandidos sabem que os policiais estão desaparelhados, desequipados e destruídos. Eles têm armas mais modernas e mais preparados sistemas de informação. Não se pode separar a crise atual da crise da Federação, do despreparo por falta de recursos e de motivação.

Outro aspecto, não menos importante, são os vencimentos miseráveis que degradam a pessoa humana.

Não vejo nada tão sério quanto esse assunto na crise das organizações militares do país. Considere-se que esse movimento envolveu três polícias modelares: a de Minas, de São Paulo e a tradicional brigada do Rio Grande do Sul.

Há, também, o abandono das Forças Armadas, submetidas a orçamentos cada vez mais rígidos e à discriminação. Mas essa é outra história, mais longa e mais grave.

Essa história de salvar a União e acabar com os estados e municípios é uma equação que não fecha. "Ninguém mora na União", como dizia Hélio Beltrão, pioneiro do Serviço Público no Brasil, grande inteligência e homem público.

Todos vivemos na nossa casa, no nosso município, no nosso estado.

Quem mora na União são outros.

JOSE SARNEY é senador do Amapá pelo PMDB.